

AMPLIAÇÃO DE UMA PRISÃO PANÓPTICA*

Flávio Agostini**

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo proposto — projeto de reforma e ampliação de uma prisão panóptica, por Rem Koolhaas — foi escolhido em função de duas questões que consideramos singulares e pertinentes à discussão proposta:

- o desafio de uma abordagem arquitetônica contemporânea dentro de um tema naturalmente restrigente — o espaço da prisão;
- a dimensão simbólica de um edifício panóptico e o confronto radical entre esse modelo e a intervenção proposta, gerando um contraste enriquecedor para a análise.

O edifício proposto como tema de análise deste trabalho — o presídio Koepel, situado em Arnhem, Holanda — caracteriza-se originalmente como um contra-exemplo daquilo que queremos denominar “Utopias negativas”. Construído em 1882, segundo o conhecido princípio panóptico¹ de Jeremy Bentham², o edifício apresenta-se, na realidade, como um exemplo clássico do pensamento utópico positivista.

* Este artigo foi desenvolvido como trabalho de conclusão da disciplina Utopias negativas, cujo objetivo é a análise de uma obra ou projeto de arquitetura contemporânea que contemple os diversos aspectos abordados durante o curso.

** Arquiteto formado pelas Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix (1996). Especialista em Arquitetura Contemporânea pelo IEC (1999), mestrando na Escola de Arquitetura da UFMG.

1 O *panoptikon* define-se como um edifício cuja organização espacial propicia a vigilância irrestrita de todos os seus usuários a partir de um ponto central. Sua concepção visava permitir “pela sua racionalidade, um melhoramento das condições de saúde, de limpeza, de ordem, de produção nos diversos locais em que fosse aplicado.” (Muricy, 1988, p.483).

2 O filósofo Jeremy Bentham “nasceu em Londres, em 1748; viveu o período da Revolução Industrial e da economia política de Adam Smith. As suas teorias fazem parte da vertente utilitarista do pensamento político inglês: Bentham pretendeu ser ‘o Newton de um mundo moral’ centrado no interesse”. (Muricy, 1988, p.482)

Proposta em 1979 por Rem Koolhaas, a reforma e ampliação de Koepel constitui um caso fértil para nossa análise, na medida em que oferece uma perspectiva de confronto entre pensamentos distintos ou, mais precisamente, utopias opostas. Por um lado, o edifício original, concebido sob os preceitos de uma racionalidade universalizante que se mostra “hostil à anomalia, ao disforme, ao irregular, tende para o fortalecimento do homogêneo, do modelo, da repetição e da ortodoxia” (Cioran, 1996, p.107). Por outro, uma arquitetura marcada por sua paradoxal função de aprisionamento, buscando ao limite a subversão da própria essência, e pautada, não mais por certezas afirmativas, mas por conflitos e ambigüidades.

A análise será dividida em duas etapas, de modo a facilitar o entendimento do projeto em questão, além dos principais pontos a serem discutidos. Primeiramente será feita uma descrição sumária do edifício existente e da proposta para sua reforma e ampliação. Em seguida, passaremos à análise propriamente dita, procurando identificar no projeto de Rem Koolhaas os aspectos que marcam uma contraposição em relação ao pensamento positivista vigente na concepção original do edifício. Tais aspectos serão agrupados nos seguintes tópicos:

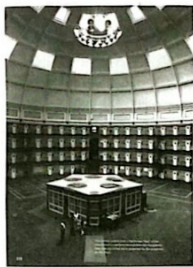
- o impasse da forma;
- a ambigüidade;
- a complexidade;
- a flexibilidade;
- a singularidade.

O PANÓPTICO

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre (destinada ao inspetor); esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondente às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse de lado a lado. (Foucault, 1998, p.116)

Elaborado em 1787, o princípio panóptico de Bentham representa um marco no “desenvolvimento de um conceito funcional de espaço” em arquitetura. (Perrot, 2000, p.13) Não se restringindo aos edifícios de prisão, o princípio é antes de mais nada um esquema lógico de distribuição e controle de corpos no espaço. É aplicável, segundo seu próprio idealizador, a qualquer situação em que pessoas devam ser vigiadas ininterruptamente: fábricas, escolas, hospitais, hospícios e prisões. (Bentham, 2000, p.17)

Concebido como um instrumento disciplinador, o princípio panóptico irá assumir uma eficiência funcional jamais vista. Tal qual uma máquina, ele será pensado como uma engrenagem na qual todas as peças devem colaborar para que se cumpra um objetivo. Uma série de detalhados mecanismos ajudarão, assim, a conformar seu espaço — venezianas internas deverão sombrear a torre de vigilância central, de modo que os que são vigiados não percebam momentos de distração ou ausência do inspetor. As celas, por sua vez, deverão ser absolutamente claras para que os reclusos sintam-se expostos e constantemente observados. Tubos metálicos deverão ainda possibilitar uma comunicação oral direta entre cada uma das celas e o vigilante, sem que este abandone o interior da torre, de forma a impedir que um preso saiba que o inspetor está ocupado com outro e que, portanto, não está sendo vigiado.



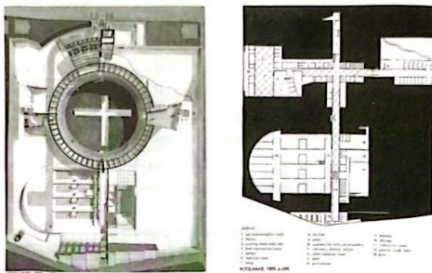
O espaço e todos os seus mecanismos transformam-se em meio de se instaurar uma situação extrema, na qual pessoas devem sentir-se constantemente vigiadas, mesmo quando isso de fato não ocorra. O espaço adquire, assim, uma autonomia jamais vista. É um instrumento preciso onde todas ações estão programadas, vigiadas. “O Panóptico é o modelo do mundo utilitarista”, afirma Miller. (2000, p.80)

PROPOSTA DE REFORMA E AMPLIAÇÃO DE UM PRESÍDIO EM ARNHEM

Seguindo a organização espacial determinada pelo princípio de Bentham, o presídio de Arnhem deveria passar por um processo de modificação orientado por duas premissas básicas:

- o desmantelamento do modelo panóptico, considerado excessivamente autoritário pelo atual corpo administrativo da prisão;

- a criação de novos espaços que possibilitem um maior convívio entre os detentos, em contraposição à antiga concepção do projeto original, adepto à idéia do confinamento solitário.



Partindo dessas premissas, o projeto de Koolhaas propõe como solução a retirada do antigo centro de vigilância e a construção de dois eixos de circulação perpendiculares, no subsolo do edifício. Tais eixos abrigariam as novas facilidades a serem incorporadas pelo novo programa — oficinas, biblioteca, ginásio, enfermaria, salas de visita, etc. O ponto central do antigo edifício seria então o local de interseção dos dois eixos propostos, adquirindo um caráter oposto ao idealizado por Bentham:

The steets and the new collective facilities form a socle on which the dismantled panopticon stands as a historical relic. The centrifugal model of the streets literally undermines the centripetal model of the Koepel. The centers of Koepel and socle coincide at the street intersection, canceling the original 'eye' of the panopticon. As the only visible manifestation of newness inside the Koepel, this intersection offers its residents a way out. (Koolhaas, 1995, p.242)

O projeto prevê ainda áreas complementares destinadas às atividades comuns, a serem anexadas aos pavimentos de celas, além de uma grande área descoberta utilizada para a prática de esportes no nível térreo. Esta última apresentaria diversos pontos de comunicação com os espaços propostos no subsolo, através de pátios e aberturas zenitais para iluminação e ventilação.

ANÁLISE

O impasse da forma

Se em Koepel o princípio panóptico era o grande responsável pela elaboração da forma, depositando nesta a expectativa de imposição da disciplina e de uma reforma do próprio comportamento humano, podemos constatar na proposta de Koolhaas um sentimento oposto. Trata-se, no seu caso, da constatação do inevitável conflito entre edifício e usuários e da impossibilidade de se alcançar, através da forma, sua mediação. Diante do caráter opressor de um espaço cuja finalidade é o aprisionamento, o arquiteto passa a enfrentar um impasse: o de uma arquitetura que não pode ser pensada como possibilidade de fruição estética.

Assim, o que norteará o projeto será exatamente a recusa à forma monumental ou expressiva, buscando-se, em contrapartida, o anonimato, ou um “não-edifício”. Em vez de um prédio propriamente dito, o que se propõe é uma espécie de urbanização do espaço — eixos internos que não afloram como volumes na superfície, mas que passam a articular uma série de novas facilidades, em um arranjo semelhante ao de ruas subterrâneas.

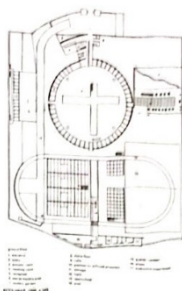
Em alguns pontos onde foi necessária a criação de anexos ao edifício principal, o arquiteto o fez de forma a enfatizar esse impasse. Assim, podemos perceber que os volumes que se incorporam aos anéis superiores de celas obedecem à mesma tensão centrípeta do antigo edifício, não buscando qualquer novidade de formas pretensamente mais agradáveis ou interessantes. A única mudança se dá de forma sutil, com novos padrões de aberturas, de acordo com o uso mais flexível e comunitário dos espaços a serem criados.

Ambigüidade

Entre todas as características que diferenciam o projeto de Koolhaas do ideal positivista presente em Koepel, talvez seja a ambigüidade o ponto mais contrastante. Como confirma o próprio arquiteto:

The Arnhem Koepel was built at a moment of complete confidence, based on a collective ideal that could be translated directly and unambiguously into architecture. (Koolhaas, 1995, p.241)

O projeto em questão, por outro lado, parte de uma estratégia totalmente oposta, confrontando o purismo e a clareza da proposta inicial com soluções e espaços pouco previsíveis, criando situações muitas vezes conflituosas.



Primeiramente, como já foi dito, o fim do ponto central de vigilância foi acompanhado pela imposição de uma tensão centrífuga (ruas que nos conduzem do centro para o exterior), gerando um confronto com a própria arquitetura do edifício, originalmente voltada para o seu interior.

Além disso, criou-se uma contraposição entre novo e velho através da inserção de uma nova escala de espaço, que busca contrapor-se à grandiosidade original do edifício. Passa-se, assim, do espaço amplo e devassado, que, como sinalizou Muricy, transforma "os sujeitos em objetos"³, para os espaços mais restritos e resguardados das ruas internas. Tal arranjo ocorre, entretanto, sem que um suplante o outro — o novo Koepel, escavado sob a antiga cúpula, ao mesmo tempo mantém e nega sua monumentalidade.

Da mesma forma, é ambígua a própria caracterização das ruas. Uma vez implantadas no subsolo do edifício, estas transformam-se à medida que nos conduzem do seu centro para as áreas periféricas. O que antes era enterrado passa a ser cortado por aberturas zenitais e pátios de iluminação; a claridade dos espaços, sua integração visual com as áreas externas, somados ao fato de estarem afastados do antigo centro de vigilância, remetem-nos a uma idéia de exterioridade sem que se tenha de fato saído.

Por fim, é também o conceito de não-edifício que gera sensações ambíguas, já que, mais do que salas dispostas ao longo de corredores, o que temos aqui é a

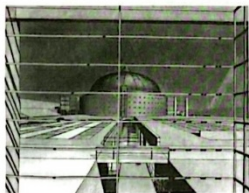
3 Segundo Muricy, "é o olhar do sujeito racional" que irá operar na conformação dos espaços das instituições no século XVIII, transformando os "sujeitos em objetos para sua observação" (Muricy, 1988, p.481). A monumentalidade de Koepel tem papel fundamental na transposição desse olhar racionalizante para o espaço. A grandiosidade do edifício, além de oprimir, garante a distância necessária para que o centro de vigilância controle todos os presos.

idéia de uma cidade, onde os dois eixos internos são as ruas e os espaços de convívio são os edifícios. Como ruas de uma cidade, procurou-se uma setorização de atividades que configurassem tanto uma centralidade no ponto de cruzamento, como uma diversificação de usos e caráter, à medida que estas se afastam. Os materiais, por sua vez, foram empregados de forma a ressaltar as fachadas dos espaços comuns — ruas — dos ambientes internos:

Central facilities are projected at the intersection itself — shops, hairdresser, library, doctors, and meeting rooms for creative activities and discussion groups...North Street leads to a patio with kitchens, medical departments, and a separate pavillion for difficult prisoners. West street leads to the most urban condition: four workshops, a sports center, and a hall for film, drama, religion...The facades of the public domain are 'luxurious'- glazed brick and marble; behind the facade, materials are spartan. (Koolhaas, 1995, p.245)

Complexidade

Outro fator merecedor de nossa análise nesse projeto é o afastamento, por parte do arquiteto, de soluções simplificadoras, que pudessem resultar na dissolução de qualquer incongruência imprevista. Colocando-se em um caminho oposto ao daquela arquitetura descrita inicialmente por Cioran como "hostil à anomalia", Rem Koolhaas procura não só absorver eventuais contradições entre programa e espaço, mas também explorar tais situações de modo a atingir soluções complexas e inesperadas.



É o caso, por exemplo, do desenho proposto para o campo de esportes e a pista de corridas, na área externa ao edifício. Aqui podemos observar uma operação curiosa, na qual os espaços se fundem em certos momentos, para em seguida retomarem sua feição convencional. Assim, o campo de esportes é atravessado pela pista de corridas, que, por sua vez, transforma-se em uma passarela ao

cruzar a piscina descoberta do subsolo; invadindo, logo adiante, o espaço de uma rua interna de serviços.

Tal arranjo não é, obviamente, resultado da busca gratuita de uma forma interessante. Trata-se, sim, da capacidade de conciliar o conflito entre a demanda por grandes áreas comuns e a limitação do espaço físico, em um desenho complexo que tenta absorver tais contradições. Opção oposta, portanto, à de uma solução simplificadora, que provavelmente eliminaria algumas opções de uso do lugar, objetivando a manutenção da integridade do seu desenho.

Flexibilidade

O caráter normatizador do espaço de um presídio é, sem dúvida, o maior entrave à tentativa de se alcançarem soluções que valorizem a individualidade de seus usuários e possibilitem diversas formas de apropriação que não estejam plenamente pré-estabelecidas. No caso de Koolhaas, a tentativa de rompimento com esse determinismo ocorre na busca da flexibilização da utilização do espaço em três níveis: percursos, locais de uso coletivo e vazios.

Inicialmente, a descentralização do espaço e a criação de áreas de uso coletivo em diversos níveis (subsolo, andares de celas e área externa) instauram diferentes possibilidades de percurso, não permanecendo a obrigatoriedade de um fluxo único. O cruzamento entre essas diversas possibilidades de fluxo e atividades gera um aumento significativo de flexibilização do espaço — os internos podem vagar sem que tenham qualquer destinação específica — ou apenas uma forma de acessar os espaços.

Assim, pode-se, por exemplo, chegar a uma sala de múltiplo uso, no subsolo, por uma escada externa contígua ao campo de esportes, sem que haja a necessidade de se entrar no antigo edifício. Da mesma forma, há a possibilidade de se locomover entre diversas salas de uso comum localizadas nos pavimentos superiores, em um percurso totalmente desvinculado dos espaços coletivos do subsolo.

Além da flexibilização de percursos internos e externos, o projeto ainda propõe uma série de áreas de múltiplo uso no subsolo (oficinas, salas, pátios etc.) e em espaços anexos às celas de reclusão. Estes últimos, denominados “satélites” pelo arquiteto (Koolhaas, *op. cit.*, p.245), viabilizariam não só atividades diversificadas, mas também, o que é fundamental, a formação de grupamentos temporários de presos, de acordo com seus interesses e afinidades. Tal divisão em grupos não se realizaria, entretanto, de maneira sectária. As escadas de ligação entre os pavimentos, somadas à existência de salas “satélites” em todos eles, permitem uma democratização do espaço — pessoas alojadas em diferentes andares podem se encontrar em qualquer local:

With integration on the wane and the frank preference of some populations to stay together, the satellites offer a flexible regime: momentary contellations of prisoners subject to endless permutations. (Koolhaas, 1995, p.247)

Por fim, a maneira como as novas facilidades foram dispostas no subsolo — descentralizadas e espaçadas — favorece a realização de futuras expansões e modificações de programa. Como em qualquer rua, temos intercalados espaços que foram apropriados e diversos interstícios; vazios que, como lotes vagos, ainda estão por ser explorados, oferecendo margem para novas intervenções.

É válido também ressaltar que a própria idéia do “não-edifício” contribui para sua flexibilização, já que este passa a absorver de maneira mais eficaz eventuais mudanças de programa e espaço. A inexistência de uma volumetria que se manifeste externamente, e de forma mais contundente, implica uma total maleabilidade, na medida em que gera um desprendimento em relação a uma forma específica. O oposto, portanto, do que ocorreria caso fosse proposto um edifício formalmente expressivo.

Singularidade

Como já foi dito no início deste trabalho, o surgimento do panóptico está relacionado ao desenvolvimento da idéia de modelo na Arquitetura; idéia essa que só pôde firmar-se sob uma ótica universalizadora do homem e dos espaços. A necessidade de uma reformulação desse modelo na prisão de Arnhem poderia simplesmente significar a substituição de um modelo por outro, mais adequado. Entretanto, em vez disso, o que encontramos na proposta de Koolhaas é uma outra estratégia, menos afirmativa e contrária à idéia de modelo.

Para tal, o arquiteto atém-se à grande particularidade do projeto, que é a relação entre o novo e o existente. Assim, em vez de desfigurar completamente o antigo edifício, intervindo de forma mais radical no grande vazio gerado pela antiga organização panóptica, Koolhaas assume a estratégia oposta — “The old maintains its iconographic deterrence, liberating the new from having either to ignore or to express the idea of incarceration” (Koolhaas, *op. cit.*, p.247). Trata-se, em resumo, de uma relação de simbiose na qual a subversão do espaço só pode ser levada ao limite na medida em que, em contrapartida, o antigo Koepel permanece como a grande referência de edifício-prisão.

Não é preciso grande esforço para assumir que dificilmente o projeto de uma prisão alcançaria tal grau de ambigüidade e complexidade caso fosse necessária a construção de um edifício em sua íntegra. O “não-edifício” de Koolhaas só é possível porque pôde valer-se de todo o potencial afirmativo e simbólico de um

marco positivista. Longe de idéias e preconceitos universalizantes, o projeto em questão é um exemplo de como a singularidade de cada caso torna-se, para Koolhaas, o princípio das soluções:

Our projects are not born from previously known reflections...We are a bit like a surfer on the waves: he doesn't control them, but he knows them; he knows how to make use of them and also how to go against the current. (Koolhaas, 1993, p. 6)

CONCLUSÃO

O projeto de reforma e ampliação do presídio em Arhem constitui um excelente exemplo de enfrentamento entre dois períodos distintos da história da Arquitetura. Mais do que um edifício que foi modernizado, podemos dizer que o Koepel é hoje um híbrido. Não tentando mais se afirmar como um modelo, o edifício apresenta-se como uma sobreposição de valores, congregando em um mesmo espaço tudo o que se relaciona tanto ao positivismo de Bentham quanto ao seu oposto — monumentalidade e anonimato, ortodoxia e ambiguidade, purismo e complexidade, determinismo e flexibilidade. Tal hibridez, obviamente, introduz em Koepel uma nova realidade totalmente distinta do pensamento original de seu idealizador, para quem, certamente, a impureza relativa aos híbridos seria tão indesejável como a descrita por outro personagem do século XIX:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial(...)De sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares — é, quase sempre, um desequilibrado(...)Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado (...) Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas(...). (Cunha, 1995, p.122-123)

Assim, tal qual o mestiço descrito por Euclides da Cunha, Koepel traduz-se agora em uma fusão de idéias antagônicas. Impreciso, ambíguo ou inconstante, esse espaço marca uma ruptura com seu passado, sem, no entanto, extirpá-lo. Sua imprecisão é, contudo, sua maior conquista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTHAM, Jeremy. O panóptico ou a casa de detenção. In: SOUZA, Tomaz Tadeu de (Org.) **O panóptico**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.
- CIORAN, Henry. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. 37.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 20.ed. Petrópolis : Vozes, 1998.
- KOOLHAAS, Rem, MAU, Bruce. **Small, medium, large, extra-large: office for metropolitan architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.
- KOOLHAAS, Rem. **Rem Koolhaas: urban projects (1985-1990)**. Barcelona : Quadrens d'Architectura, 1993.
- MILLER, Jacques - Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: SOUZA, Tomaz Tadeu de (Org.) **O panóptico**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.
- MURICY, Katia. Os olhos do poder. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PERROT, Michele. O inspetor Bentham. In: SOUZA, Tomaz Tadeu de (Org.) **O panóptico**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.